

# CONFERÊNCIA SOBRE O PENSAMENTO DE ANÍBAL PINTO<sup>1</sup>

*Carlos Lessa*

Instituto de Economia  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

## I. ABERTURA

Aníbal Pinto Santa Cruz, chileno, nasceu em 1920 e se formou em Direito na Universidade do Chile. Depois da Segunda Guerra Mundial, estudou, em 1948, na London School of Economics. Como ele mesmo dizia, sua formação intelectual foi marcada pelo cenário da Grande Depressão, a dramaticidade da Guerra Civil Espanhola e o experimento do New Deal, de Theodore Roosevelt. No mundo do após-guerra, das Nações Unidas, da descolonização e da neo-utopia da Declaração dos Direitos Universais do Homem, surge a Cepal. Nela se perfilam a economia política da América Latina, com a visão de centro-periferia, a idéia de modelos de desenvolvimento — com ênfase na necessidade de industrialização e de proteção do mercado interno, através de limitações impostas ao mercado — e a necessidade de um projeto nacional e da ação do Estado. Aníbal Pinto, ao voltar da Europa, se integra nesse movimento e participa de toda a discussão subsequente sobre heterogeneidade estrutural, capitalismo periférico e dependência, a idéia dos blocos de investimento, o problema do processo inflacionário, a importância da questão agrária, as questões da distribuição de renda, emprego e pobreza, a retomada do sonho bolivariano da integração regional, as problemáticas do financiamento externo, expansão das exportações de manufaturas etc. Sua presença e participação interativa, no núcleo central daquela escola, torna difícil destacar pontos específicos da sua ampla contribuição.

Cabe, entretanto, sublinhar algumas de suas contribuições.

### **A polêmica sobre inflação**

Já em 1956, Aníbal Pinto, em artigo sobre a intervenção do Estado e a empresa privada, colocava como questão: é possível deter a inflação? Em resposta, a recusa à redução monetária do fenômeno e à arbitrariedade do corte real-monetário. Pouco tempo depois, em 1960, no ensaio clássico “Nem estabilidade nem desenvolvimento: a política do Fundo Monetário Internacional”,<sup>2</sup> Aníbal Pinto critica a universalidade de recomendações que pressupunham a homogeneidade das economias nacionais. Nesses artigos prevalece a idéia da inflação como uma sombra das economias periféricas que crescem e se esforçam por superar o atraso. A inflação surge como categoria resultado e, certamente, como uma projeção desconfortável. Fica implícito um terrível dilema: conviver com conflitos e perturbações socioeconômicas ou aceitar, em nome da estabilidade, a estagnação e a reprodução secular da situação periférica. Neste tema reluz o amor pela polêmica, a elegância do polemista e a clara opção por certos valores sociais.

### **A heterogeneidade estrutural e a distribuição de renda**

Aníbal Pinto, em dois ensaios clássicos<sup>3</sup> — “A concentração do progresso técnico e de seus frutos no desenvolvimento latino-americano” (1964) e “Natureza e implicações da heterogeneidade estrutural da América Latina” (1969) —, transportou para o âmbito interno nacional a análise cepalina sobre a repartição e apropriação dos benefícios do progresso técnico em nível internacional. Esta transposição permite mostrar a interação perversa, e por vezes imposta, entre setores, regiões, segmentos urbanos etc., que, diferenciados pela produtividade e pela articulação com o Estado, se apropriam diferencialmente dos ganhos de produtividade derivados da modernização. Não é uma visão dualista. Pelo contrário, sublinha a integração simbiótica do que, à primeira vista, não é coetâneo. O papel do moderno, do ponto de vista social — como um buraco negro que absorve verticalmente os rendimentos da modernização e, horizontalmente, parte da renda dos atrasados — reproduzia dinamicamente, para Aníbal Pinto, a heterogeneidade estrutural. Num cenário distinto, este é o problema central do nosso processo civilizatório.

### **Os estilos de desenvolvimento**

Nos anos 70, Aníbal Pinto — em “Notas sobre os estilos de desenvolvimento na América Latina”, *Revista da Cepal* (1976); e em “Estilos de desenvol-

vimento: conceitos, opções, viabilidade”, *Trimestre Económico* (1978)<sup>4</sup> — propõe debater o desenvolvimento econômico em um movimento que caminhe dos níveis mais gerais de abstração — da idéia de sistema (capitalista ou socialista), passando pelas dimensões estruturais de território, população, aparelho produtivo, inserção internacional, até a idéia de estilo — pensado como “a maneira pela qual, dentro de um determinado sistema, se organizam e se destinam os recursos humanos e materiais com o objetivo de resolver as interrogações sobre o que, para quem, e como produzir bens e serviços”. Na idéia de estilo é, para Aníbal Pinto, fundamental identificar o(s) agente(s) que conduz(em) o processo. Estabelece a ponte, sem qualquer reducionismo, com a política, incorpora inclusive o ideológico e tem presente o marco geopolítico. Obriga o ensaísta ao recurso da análise comparativa e possibilita organizar a visão de etapas seqüenciadas de um determinado processo de desenvolvimento. Creio que a linha de trabalhos desenvolvida na Unicamp assume perguntas e possibilidades de interpretação colocadas por Aníbal Pinto. O estilo de desenvolvimento tardio do século XX brasileiro certamente não repete nem o estilo originário nem as experiências retardatárias do século passado. E o mapeamento do padrão de acumulação, com as determinações do processo cósmico, é o tema recorrente do debate.

### **A leitura da história econômica chilena**

Além da numerosa, persistente e vigilante atividade como articulista, sempre referenciada ao Chile, Aníbal Pinto é autor de dois clássicos: *Chile: um caso de desenvolvimento frustrado* (1959)<sup>5</sup> e *Chile: uma economia difícil* (1964).<sup>6</sup> A ligação intelectual e afetiva de Aníbal com o Chile é responsável, inclusive, por uma premonição. Em 1959 Aníbal Pinto, ao procurar no desenvolvimento frustrado do Chile uma explicação para o não desenvolvimento, apesar do bom cumprimento histórico das condições consideradas corretas (pela ortodoxia) para a plenitude econômica, enfatiza o desequilíbrio entre o relativo avanço da organização social e a singeleza e precariedade da estrutura econômica. Diz profeticamente: “O desequilíbrio (...) terá que romper-se, ou com uma ampliação substancial da capacidade produtiva, e um progresso na distribuição do produto social, ou por um ataque franco contra as condições da vida democrática”. Em 1959 Aníbal Pinto anuncia o dilema dos anos 70: Allende ou Pinochet.

Não posso deixar de registrar o privilégio de ter disposto da reflexão pioneira sobre o Brasil do mestre Celso Furtado, em seus *A economia brasileira e Formação econômica do Brasil*,<sup>7</sup> e dos trabalhos de Aníbal Pinto sobre o Chile. Eu e meus companheiros do Centro de Desenvolvimento Econômico Cepal/BNDE tivemos a oportunidade única de conhecer dois casos nacionais apaixonada e rigorosamente esquadrinhados por mestres aos quais tínhamos acesso imediato.

## II. O MODO DE PENSAR DE ANÍBAL PINTO

Creio que, intelectualmente, Aníbal Pinto operava simultaneamente com o olhar de acadêmico comprometido e jornalista objetivo. Não misturava nem confundia os olhares; combinava-os. Na retaguarda, a visão teórica; no cotidiano, a atenção constante com o particular.

Como acadêmico, Aníbal Pinto se orientava pela vertente da grande tradição da economia política: a preocupação com as forças históricas constitutivas da produção e repartição social. Como jornalista, tinha olhar hipersensível e preocupado com a historicidade. Para sua produção intelectual, uma permanente exigência, segundo suas próprias palavras: “(...) necessidade de responder criativamente, e não por via de simples reproduções ideológicas, aos desafios de um tempo tão incerto como turbulento e inevitável”.<sup>8</sup> O mestre revisitava e reconstruía suas próprias reflexões, com a periodicidade pautada pela intensidade das mudanças. Seu olhar estava sempre atento ao mutável. Os títulos de alguns trabalhos seus são reveladores desta postura. Por exemplo: “O sistema centro-periferia, 20 anos depois”, em que registrava a marginalização relativa dos países periféricos e a inserção dependente dos países mais bem-sucedidos. Registrava a acentuação da heterogeneidade estrutural cósmica, regional e nacional.

Guardo, do convívio com Aníbal Pinto, muitas lembranças. Uma, de imensa nitidez. Muitas vezes me disse, procurando moderar alguma audácia juvenil: “Jovem Lessa, cuidado com a abstração”. Para Aníbal, o *continuum* intelectual exigia treino dos níveis de abstração e a permanente preocupação com as mediações. A validade da interpretação associada a um determinado nível de abstração — o que foi? e porque foi abstraído? —, creio que esta era a ginástica intelectual permanente de Aníbal Pinto. É fácil

compreender sua propensão à iconoclastia, bem como sua avidez intelectual. É fácil, também, perceber seu afastamento de dogmatismos. Tudo isto poderia ter produzido um cético de gabinete; porém, o compromisso ético, social e político fez de Aníbal Pinto um militante da razão a serviço da transformação social.

A relação simbiótica de Aníbal com a história o fazia pouco atento ao sincronismo de modelos estruturais. Porém, com ousadia propunha pautas de interpretação para o dinâmico. Tendo respeito e sensibilidade à complexidade do fato econômico e social, fugia dos reducionismos, sem cair no facilitário do relativismo interdisciplinar. Com sensibilidade fina ao geopolítico, ao político *stricto sensu*, ao ideológico, à anatomia social, era Aníbal Pinto um economista político preocupado prioritariamente com as variáveis de sua disciplina. Foi um mestre em pensar a nossa economia, ainda que tivesse o olhar ampliado pelas múltiplas vertentes da história.

### III. SAUDADE E FALTA

Sinto a falta de um novo irredentismo latino-americano. Os chefes de escola cepalinos fizeram uma crítica radical do padrão decidemônico da divisão internacional do trabalho, desnudando as falácias que legitimavam a ordem internacional. Fizeram, em sucessivos movimentos, a prospecção de novos projetos que sustentassem a esperança dos povos latino-americanos em seu futuro; foram, no limite, operadores realistas de uma utopia. Que falta!

Em tempos de um a-historicismo, da hipertrofia da visão de curto-prazo, da *tabula rasa* das particularidades locais e nacionais, do “bom tom” de um distanciamento ético, a pauta da Cepal — não suas respostas (em parte datadas) — é uma falta dramática em nosso debate político.

Creio que, inexoravelmente, ressurgirá a grande discussão a respeito da compatibilidade entre o padrão cósmico de desenvolvimento e a homogeneização econômica e social de nossos países. Como enfrentar a questão da vida social e do processo civilizatório num mundo que postula a liberdade para os movimentos da mercadoria, empresa, técnica e capital, e erige barreiras aos deslocamentos da população e força de trabalho. Neste mundo, em que a questão social é nacional, a proposta cepalina — o desenvolvimento como um projeto nacional construído mais além da lógica do mer-

cado, como resultado da articulação de esforços públicos e privados — surgirá, inexoravelmente, no vácuo das não propostas atuais. Aníbal Pinto, apesar de economista, sabia da importância crucial das ideologias para os processos de desenvolvimento. Sublinhou a necessidade do processo de afirmação nacional.

O perfil de Aníbal Pinto, com seu amor à audácia do ensaio como pauta para reflexão e controvérsia, a sua elegância e amabilidade no trato com terceiros, ficaria incompleto se não registrássemos a integralidade de seu amor à vida. Amor à música e profundo conhecimento da musicalidade mundial e latino-americana; prazer com as conversas longas, inteligentes, do salão ao bar; leveza no dançar; prazer em comer e em falar de comida; fascínio pela literatura. Uma pessoa encantadora, aberta ao convívio próximo com o amigo e extremamente reservada e comedida em suas manifestações emocionais: uma rara combinação de afeto e reserva.

#### RESUMO

Aníbal Pinto é um dos fundadores da escola latino-americana de economia política. Estas breves notas visitam alguns dos patamares de reflexão construídos por este intelectual, entre os quais a polêmica sobre a inflação, a visão latino-americana sobre o desenvolvimento desigual e combinado, e o conceito de estilos de desenvolvimento como paradigma para organizar a interpretação dos casos nacionais latino-americanos.

#### ABSTRACT

Aníbal Pinto is one of the founders of the Latin American Political Economy School. The present paper assesses the author's intellectual contribution to the debate on inflation and unequal and combined development and the concept of styles of development as a paradigm for organizing the interpretation of Latin American national cases.

#### NOTAS

1. O artigo recolhe lembranças de minha convivência com meu mestre Aníbal Pinto. Foi apresentado no Seminário sobre Modelos e Estratégias para o Desenvolvimento da América Latina – CEPAL/ Presidência da República, BNDES, 1998.
2. Aníbal Pinto, *América Latina, una visión estructuralista*, Facultad de Economía, UNAM, México, 1991, p. 109-150.

3. Reproduzidos em Aníbal Pinto, *Inflación, raíces estructurales*, Fondo de Cultura Económica, 1975, p. 127 ss.
4. Aníbal Pinto, “Estilos de desenvolvimento: conceitos, opções, viabilidade”, *El Trimestre Económico*, v. XLV, n. 179, jul.-set. 1978, Cidade do México, p. 557-610.
5. Editorial Universitária, Santiago do Chile, Chile, 1959.
6. Editorial Universitária, Santiago do Chile, Chile, 1964.
7. Celso Furtado, *Economia brasileira: contribuição à análise do seu desenvolvimento*. 2. ed. Rio de Janeiro : Ed. Noite, 1954; *Formação econômica do Brasil*. 19. ed. São Paulo : Ed. Nacional, 1984.
8. Aníbal Pinto, introdução ao “Pensamiento Ibero-americano”, n. 1.